

REPERCUSSÕES DA DISFUNÇÃO VELOFARÍNGEA NA ORELHA MÉDIA DE PACIENTES COM FISSURA PALATINA CORRIGIDA

ROBERTA BOECK NOER PILLA; DANIELA PRETO DA SILVA, MARCUS VINÍCIUS MARTINS COLLARES, SADY SELAIMEN DA COSTA

Introdução e objetivos: As fissuras palatinas apresentam uma forte associação com o desenvolvimento de otite média devido ao defeito anatômico-funcional da musculatura do palato mole repercutindo na função da tuba auditiva. Este estudo pretende avaliar a adequação da musculatura velofaríngea após a palatoplastia, através de videonasoendoscopia, e verificar se há correlação com o status otológico. Métodos: estudo transversal, com avaliação videonasoendoscópica e videotoscópica, através de escores de gravidade das alterações encontradas. Setenta e três pacientes com fissuras palatinas ou labiopalatinas, entre seis e 12 anos de idade, já submetidos a palatoplastia e em acompanhamento no Ambulatório de Otorrinolaringologia e Fissuras Palatinas do HCPA foram estudados. Resultados: não houve correlação estatisticamente significativa entre os escores videonasoendoscópico e videotoscópico na população estudada. Discussão e conclusões: Defeitos intrínsecos da cartilagem da tuba auditiva e da inserção da musculatura velofaríngea na tuba parecem contribuir para a evolução das otites médias nos pacientes com fissura palatina, além do defeito no palato mole em si. Não houve correlação entre a gravidade dos achados otoscópicos e o grau de disfunção da musculatura do esfíncter velofaríngeo.